

Cruz e Sousa

Poeta negro Brasileiro, autor de «Broqueis»

Alexei Bueno

EM 19 DE MARÇO DE 1898, DATA CUJO CENTENÁRIO foi recentemente comemorado em todo o Brasil, morria, num lugarejo de Minas Gerais dedicado a cura de tuberculosos, João da Cruz e Sousa, aos 36 anos de idade. Encerrava-se assim a vida mais trágica da literatura brasileira – com a possível exceção da de Euclides da Cunha – mas não a tragédia. De facto, o paupérrimo arquivista da Estrada de Ferro Central do Brasil, cujo corpo voltava para o Rio de Janeiro no chão de um vagão para cavalos, negro puro, filho de escravos, deixava três filhos e uma viúva grávida. Esses três filhos, um por um, sucumbirão em seguida à mesma tuberculose. A eles seguir-se-á a mãe. Apenas o filho póstumo, com o mesmo nome do pai, escapará da hecatombe familiar, para, por sua vez, morrer da mesma doença aos dezassete anos, em 1915. Deixava grávida, no entanto, a menor Francelina Maria da Conceição, que, após gerar o neto do poeta, igualmente póstumo, morreria atropelada por um bonde. Desse único neto originou-se a descendência hoje numerosa de Cruz e Sousa, retomada aos humílimos estratos sociais de onde emergira, como por um milagre efêmero, o maior poeta do Simbolismo brasileiro. Nascido em Desterro, capital de Santa Catarina, em 24 de novembro de 1861, filho de um casal de escravos do marechal-de-campo Guilherme Xavier de Sousa, recebeu o nome do santo do dia, João da Cruz, e o sobrenome do senhor de seu pai. Protegido e educado pela esposa do marechal-de-campo, revelou precocemente as maiores aptidões intelectuais. A partir daí a biografia se desenvolve de maneira lógica: a inadequação implacável ao meio de origem; a paixão pela poesia e pelo teatro, que o fez viajar por boa parte do Brasil como ponto de uma companhia, enquanto se dedicava à propaganda abolicionista; o embate violento com o preconceito racial – um negro intelectual e poeta! –; a previsível mudança para o Rio de Janeiro; a vida miserável no jornalismo nada

profissionalizado de então; o casamento com uma jovem negra, Gavita, encontrada fortuitamente em um cemitério; o emprego público; a perseguição de um chefe estúpido; a crise de loucura da mulher, que durou um semestre, provocada em parte pela grave desnutrição; os filhos sucessivos; o consolo de ver dois de seus livros publicados; a tuberculose e a morte. Retirado o elemento estético, muitas tragédias semelhantes devem ter acontecido pelos subúrbios da então Capital Federal, silenciosamente. Sobre uma delas, de outro pequeno funcionário que conhecera, escreveu o poeta:

Vida Obscura

Ninguém sentiu o teu espasmo obscuro,
ó ser humilde entre os humildes seres.
Embragado, tonto de prazeres,
O mundo para ti foi negro e duro.

Atravessaste num silêncio escuro
A vida presa a trágicos deveres
E chegaste ao saber de altos saberes
Tornado-te mais simples e mais puro.

Ninguém te viu o sentimento inquieto,
Magoado, oculto e aterrador, secreto,
Que o coração te apunhalou no mundo

Mas eu que sempre te segui os passos
Sei que cruz infernal prendeu-te os braços
E o teu suspiro como foi profundo!

O que distinguiu dessas e outras, na verdade, a história de Cruz e Sousa, foi única e exclusivamente o gênio literário, e a mais alta dedicação à arte já registada no Brasil. De facto, que restaria ao negro escorraçado pela sociedade senão apelar para o poder de seu verso contra o denso rio do esquecimento, onde todas as tragédias anônimas se vão desfazer sem consolo ou recompensa?

[...]
Rio do esquecimento tenebroso,
Amargamente frio,
Amargamente sepulcral, lutuoso,
Amargamente rio!
[...]

Cruz e Sousa

Ó meu verso, ó meu verso, ó meu orgulho,
Meu tormento e meu vinho,
Minha sagrada embriaguez de arrulho
De aves fazendo ninho.

Verso que me acompanhas no Perigo
Como lança preclara,
Que este peito defende do inimigo
Por estrada tão rara!

Ó meu verso, ó meu verso soluçante,
Meu segredo e meu guia,
Tem dó de mim lá no supremo instante
Da suprema agonia.

Não te esqueças de mim, meu verso insano,
Meu verso solitário,
Minha terra, meu céu, meu vasto oceano,
Meu templo e meu sacrário.

Embora o esquecimento vão dissolva
Tudo, sempre, no mundo,
Verso! Que ao menos o meu ser se envolva
No teu amor profundo!

Num momento em que a poesia brasileira se limitava quase oficialmente ao receituário artificialíssimo do Parnasianismo francês, Cruz e Sousa vem nela introduzir a música, a sugestão e, paradoxalmente, a realidade. Se em Broquéis, publicado em 1893, ainda domina a idealização pura da «Antífona»:

Ó Formas alvas, brancas, Formas claras
De luars, de neves, de neblinas!...
Ó Formas vagas fluidas, cristalinas...
Incensos dos turfbulos das aras...

Em Faróis, que só virá à luz postumamente, aparece a visão da dor, e com ela se inicia a poesia moderna no Brasil. Como o Antônio Nobre

da «Lusitânia no Bairro Latino», com a sua enumeração final de misérias físicas e a célebre interrogação: «*Qu'é dos Pintores do meu país estranho, / Onde estão eles que não vêm pintar?*», Cruz e Sousa, não sabemos até onde incitado pela própria desgraça, abre os olhos pela primeira vez para a procissão de misérias que se arrasta pelas ruas de seu país, chegando a um expressionismo *avant la lettre* que encontrará a sua descendência mais explícita nos terríveis e magistrais quadros de decomposição e de morte de Augusto dos Anjos, que aparece como uma confluência do poeta negro e de Cesário Verde. No caso de Cruz e Sousa, talvez o exemplo mais típico se encontre no último poema de *Faróis*, «Ébrios e cegos», visão goyesca de uma dupla de cegos embriagados, cujas almas impenetráveis estarecem o poeta:

[...]

Mas ah! torpe matéria!
Se as atritassem, como pedras brutas,
Que chispas de miséria
Romperiam de tais almas corruptas!

Tão grande, tanta treva,
Tão terrível, tão trágica, tão triste,
Os sentidos subleva,
Cava outro horror fora do horror que existe.

Pois do sinistro sonho
Da embriaguez e da cegueira enorme,
Erguia-se, medonho,
Da loucura o fantasma desconforme.

Mas a sua história pessoal e familiar também não é esquecida, em poemas de grandeza dantesca como «Pandemonium», sobre a sua mãe escrava, «Luar de lágrimas», sobre a perda dos mortos em geral, ou «Meu filho», o mais belo poema de amor paternal da poesia brasileira após o «Cântico do Calvário» de Fagundes Varela:



[...]

Tu não sabes, jamais, tu nada sabes, filho,
Do tormentoso Horror, tu nada sabes,
nada...

O teu caminho é claro, é matinal de brilho,
Não conheces a sombra e os golpes da
emboscada.

Nesse ambiente de amor onde dormes teu
sono

Não sentes nem sequer o mais ligeiro
espectro...

Mas, ah! eu vejo bem, sinistra, sobre o
trono,

A Dor, a eterna Dor, agitando o seu cetro!

Após os círculos infernais de Faróis, é nos últimos sonetos que se encontra a mensagem final de Cruz e Sousa. De maneira estranha, tudo que ardia nos livros anteriores reaparece apaziguado, sublimado, sob a luz de uma ataraxia superior nesse livro de superação completa, talvez o mais alto da poesia brasileira. Definitivamente consciente, ao que tudo indica, de sua condenação à morte próxima, o poeta se refugia de vez, na sua casinha humílima do subúrbio do Encantado, na salvação pela obra de arte. Quatro ou cinco amigos – que conservarão uma fidelidade quase religiosa, sem paralelo história da literatura brasileira, à memória do poeta – o acompanham nesses últimos meses, nessa espécie de embriaguez agônica de quem só tem um caminho a seguir, e que bem sabe que nele triunfará:

Caminho da Glória

Este caminho é cor-de-rosa e de ouro,
Estranhos roseirais nele florescem,
Folhas augustas, nobres reverdecem
De acanto, mirto e sempiterno louro.

Neste caminho encontra-se o tesouro
Pelo qual tantas almas estremeçam;
É por aqui que tantas almas descem
Ao divino e fremente sorvedouro.

É por aqui que passam meditando,
Que cruzam, descem, trêmulos, sonhando,
Neste celeste, límpido caminho
Os seres virginais que vêm da Terra,
Ensagüentados da tremenda guerra,
Embebedados do sinistro vinho.

É de todo impossível, entre esses últimos sonetos – o derradeiro dos quais, «Sorriso interior», de uma placidez absoluta, foi escrito na véspera da morte – tentar-se uma selecção antológica. Neles reside a vitória pessoal – uma vez que a estética já se iniciara desde *Broquéis* – de Cruz e Sousa, do «Emparedado», como intitulara o mais biográfico dos seus textos em prosa, no final de *Evocações*:

[...]
Artista! Pode lá isso ser se tu és d'África,
tórrida e bárbara,
devorada insaciavelmente pelo deserto,
tumultuando de matas bravias,
arrastada sangrando no lodo das
Civilizações despóticas, torvamente
amamentada com o leite amargo e
venenoso da Angústia!
[...]
Não! Não! Não! Não transporás os pórticos
milenários da vasta
edificação do mundo, porque atrás de ti e
adiante de ti não sei quantas
gerações foram acumulando, acumulando
pedra sobre pedra, pedra sobre
pedra, que para aí estás agora o verdadeiro
emparedado de uma raça.
[...]

E, mais pedras, mais pedras se sobreporão
às pedras já acumuladas, mais
pedras, mais pedras... Pedras destas
odiosas, caricatas e fatigantes
Civilizações e Sociedades... Mais pedras,
mais pedras! E as estranhas
paredes hão de subir, – longas, negras,
terríficas! Hão de subir, subir,
subir mudas, silenciosas, até às Estrelas,
deixando-te para sempre perdidamente
alucinado e emparedado dentro do teu
Sonho..

Ao qual talvez a melhor resposta a ser dada consista em outro dos últimos sonetos do poeta, justamente aquele de onde foram retirados os dois versos finais para serem gravados no seu túmulo:

Triunfo Supremo

Quem anda pelas lágrimas perdido,
Sonâmbulo dos trágicos flagelos,
É quem deixou para sempre esquecido
O mundo e os fúteis ouropéis mais belos!

É quem ficou do mundo redimido,
Expurgado dos vícios mais singelos
E disse a tudo o adeus indefinido
E desprendeceu-se dos carnis anelos!

É quem entrou por todas as batalhas
As mãos e os pés e o flanco ensagüentando,
Amortalhado em todas as mortalhas.

Quem florestas e mares foi rasgando
E entre raios, pedradas e metralhas,
Ficou gemendo mas ficou sonhando!